



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ CARLOS VIANNA BOHRER (2)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-596

Entrevistado: Luiz Carlos Vianna Bohrer

Nascimento: 31/07/1958

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras, Leila Carneiro Mattos e Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 07/10/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa e Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 41 minutos

Páginas Digitadas: 12

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação em Educação Física; Experiência como técnico de basquete; Trabalho junto a Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre; Preparação para ser formador; Atuações como formador do PELC; Avaliação dos núcleos; Destaques das formações; Opinião sobre o projeto.

Porto Alegre, 07 outubro de 2015. Entrevista com Luiz Carlos Boher para o Projeto Memórias do Pelc Vida Saudável a cargo das pesquisadoras Pamela Joras, Leila Carneiro Mattos e Suellen Ramos.

P.J. – Primeiro eu queria agradecer a disponibilidade de vir até aqui e conceder essa entrevista. Eu gostaria que tu falasse um pouquinho sobre a tua formação e como começou essa tua trajetória, teu envolvimento com a temática do Lazer e do Esporte.

LB. – Na realidade eu sou formado em Educação Física aqui na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1983 mas em 1980 eu já comecei a trabalhar como técnico de basquete. Essa era a minha formação, era esporte rendimento. Fiz especialização em Educação Psicomotora em 1985 no IPA¹ e fui técnico de basquete no Grêmio Náutico União. Em seis anos fui para o Recreio do Juventude² em Caxias do Sul, aí fiquei dois anos e meio... Meio que sai de lá e o campo de trabalho no esporte é bem restrito e aí comecei a fazer concurso. Fui trabalhar na Prefeitura Municipal de Viamão, trabalhei na Prefeitura Municipal de Porto Alegre com contrato emergencial, lá na Restinga³... E saí da elite porque Grêmio Náutico União e Recreio Juventude realmente só trabalha com pessoal do basquete, era meio elitizado, Aí fui trabalhar na Restinga Nova na Escola Lidovino Fanton⁴, depois trabalhei lá em Viamão⁵, lá em Itapuã.⁶

P.J. – Isso foi um contrato do Estado?

L.B. – Itapuã, Prefeitura de Viamão eu fui concursado. Daí entrei em um concurso para a Prefeitura Municipal de Canoas⁷ e fui trabalhar na Mathias Velho⁸, coisa que tu começa a ver a realidade. Tu sai de uma estrutura que é ESEF⁹ da UFRGS¹⁰, o Grêmio Náutico

¹ Centro Universitário Metodista IPA.

² Esporte Clube Juventude.

³ Bairro da cidade de Porto Alegre.

⁴ Escola Municipal de Ensino Fundamental Lidovino Fanton.

⁵ Município da região metropolitana de Porto Alegre.

⁶ Distrito de Viamão.

⁷ Município da região metropolitana de Porto Alegre.

⁸ Bairro do município de Canoas.

⁹ Escola de Educação Física.

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

União e, de repente, tu estás na Mathias Velho que é outra realidade. Aí surge um concurso do Estado fui com quarenta horas para Alvorada; trabalhei seis anos em Alvorada, e nesse meio entrei em 1992 na Prefeitura de Porto Alegre e fui para a Secretaria Municipal do Esporte, não fui para a escola. Todos esses anos de periferia e a parte de trabalhar nos parques e praças tu começa a trabalhar realmente com lazer e com lazer da população. Na Secretaria de Esportes é muito pela vontade, tu não tem turma matriculada, tu vai montando grupos, vai trabalhar com futebol, trabalhar com basquete, trabalhar com recreação, vai trabalhando com isso e a partir daí eu comecei a trabalhar no Morro Santana, depois eu vim para a Redenção¹¹, para o Parque Ramiro Souto já com a professora Rejane¹² como Secretária Municipal. Eu passei um ano no Ramiro Souto e fui convidado a trabalhar na equipe de eventos da Secretaria de Esportes

P.J. – Mais ou menos tu lembra o ano?

L.B. – 1994 no Ramiro Souto e em 1995 eu fui para eventos da Secretaria. Nós trabalhamos essa formação da Secretaria de Esportes de Porto Alegre, porque as propostas da Secretaria de Porto Alegre são um embrião do que veio para o PELC¹³. Muitas das propostas de coisas que se trabalhava com o lazer, uma coisa mais lúdica de sair um pouquinho do esporte formal, de trabalhar no esporte de participação, de trabalhar com a recreação. Foram criados vários projetos nesse período. Eu trabalhei em eventos de 1995 a 2004 sendo que em 2004, no último ano, eu fui gerente geral da Secretaria. Daí eu já não estava diretamente no setor de eventos mas eu fui da coordenação, fui gerente de eventos até 2004, então, ali a gente estruturou muitas coisas. Tinha um grupo de trabalho muito interessante de discussões pedagógicas, de procura por um Esporte e Lazer inclusivo, de tentar atender o maior número de pessoas... Era essa a proposta geral do Lazer e do Esporte, muito de participação. Depois eu voltei, terminou o governo em 2005 e eu voltei para as praças. Fui trabalhar, no Parcão¹⁴, na Redenção de novo, mas só como professor sem coordenações. Trabalhei no Projeto Comunidades da AABB¹⁵ por quatro anos, que é

¹¹ Parque Farroupilha também conhecido como Redenção.

¹² Rejane Penna Rodrigues

¹³ Programa Esporte e Lazer da Cidade

¹⁴ Parque Moinhos de Vento

¹⁵ Associação Atlética do Banco do Brasil

um projeto muito interessante. É um projeto social que eu vejo como um projeto que realmente tenta ser social... Muitas vezes a gente diz que projeto social é chutar bola e bater tambor; acha que virou projeto social, encontra uma vez por semana as crianças e acha que está fazendo projeto social. Não está mudando a realidade de ninguém, então, ter projetos sociais e ter uma sequência e inserção dentro de uma comunidade que tu vai poder modificar a realidade das crianças, tu juntar eles para jogar futebol mas tu não vai ser necessariamente um projeto social. Em 2006 a Rejane vai para a Secretaria do Ministério¹⁶ e convida um grupo de professores que trabalharam nessa estruturação da Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre para participar do grupo de formadores do PELC.

P.J. – Nesse período o PELC já existia?

L.B. – Sim, já existia desde 2003!

P.J. – Tu recorda quem foi o grupo responsável por promover os primeiros anos do PELC?

L.B. – Não! Quando eu entrei ele vinha do trabalho do professor Lino Castellani¹⁷ e esse grupo... O Fernando Mascarenhas esteve nessa história e alguns outros formadores que ele teve contato que era o pessoal mais de Universidade, o pessoal de Juiz de Fora¹⁸. Eu não sei em que momento cada um entrou; nós entramos em 2006 com esse grupo de profissionais da Prefeitura de Porto Alegre que era a Eneida Feix, o Gilmar Tondin, a Lieselote¹⁹, a Loreti²⁰, a Carmem²¹, a Maria Leonor²² e eu. Nós entramos nesse grupo em 2006 e eu fiquei mais um tempo nessa formação, depois houve uma alteração nas escolhas... Eu ainda trabalhei no PELC/PRONASCI²³ e alguns formadores do PELC foram escolhidos para trabalhar, os que tinham mais experiência nessa área de maior vulnerabilidade. Alguns desses formadores foram escolhidos para trabalhar nessa

¹⁶ Secretaria nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer.

¹⁷ Lino Castelanni Filho.

¹⁸ Município do estado de Minas Gerais.

¹⁹ Lieselote Ines Schmidt.

²⁰ Loreti Rucatti.

²¹ Carmen Lilia da Cunha Faro.

²² Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

²³ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

estruturação do PELC/PRONASCI, acho que foi até 2009, quando a UFMG²⁴ entrou na formação do PELC. Naquele momento tinha que ter ligação com a universidade e alguns continuaram fazendo algumas coisas aqui: tinham mestrado, fizeram outros estudos. Eu, como trabalho sessenta horas na Prefeitura, pensei: “Eu vou arrumar mais um compromisso, de fazer uma disciplina na universidade só para...” Aí eu preferi não continuar; a gente fazia não tanto pelo quanto a gente ganhava como formador - até era razoável, o que se ganhava mas deixava tanto no imposto de renda depois - mas era muito interessante esses contatos com as realidades das cidades que a gente foi. Tinha gente que trabalhou com vários locais e cada local que a gente era uma realidade diferente. Mesmo dentro do estado do Rio Grande do Sul a gente vê formações diferentes, culturas diferentes, formas diferentes de trabalhar, então, foi bem interessante essa parte.

P.J. – E como foi a preparação para ser formador do PELC? Vocês fizeram algum curso específico? Como foi a tua preparação pessoal?

L.B. – Na realidade esse grupo de Porto Alegre foi convidado e a gente pegou todas as coisas, nos reunimos e montamos uma proposta de formação. A gente montou um grupo com toda a nossa proposta de formação que era uma proposta unindo a teoria e a prática. A gente trabalhava muita prática na hora da formação de qualquer grupo; a gente trabalhava a parte teórica, mas não era tão aprofundado. O grupo de pessoas que a gente estava formando normalmente era de pessoas como os agentes do PELC, pessoas comunidade, gente que fazia artesanato, gente que trabalhava com futebol, ou outra com outras coisas. Na realidade não era gente com formação universitária, muitas vezes não tinham nem o ensino fundamental, então, tinha que tentar equilibrar a linguagem. A gente montou isso com a nossa experiência prática e levando essas questões como é que se pode trabalhar dentro da comunidade de forma lúdica e que vá trazer um desenvolvimento. Era essa a nossa ideia, então, a gente montou esses programinhas que eram trinta e duas horas na época. O programa inicial era assim: trinta e duas horas e a gente fazia uma imersão com eles três ou quatro dias e no final voltava lá e fazia mais trinta e duas. Depois tiveram alterações nesse caminho.

²⁴ Universidade Federal de Minas Gerais.

P.J. – Seria o Modulo Introdutório e o de Avaliação?

L.B. – É o Modulo Introdutório e o Módulo de Avaliação. Não tinha no meio do caminho e a gente começou a notar que, muitas vezes, se tu não está perto, quando chegava ao final podia ter dado muito certo. A gente montou isso justamente na nossa equipe e depois tinha a reunião de todos os formadores. A gente discutia com o pessoal de todo o país, formadores de todo o país, cada um apresentava a sua proposta. Teve o primeiro encontro, um grande encontro do PELC de todo o país que foi uma loucura lá em Brasília, lotaram o auditório não sei quantas mil pessoas.

P.J. – Que ano foi isso?

L.B. – Eu acho que foi 2007. No primeiro encontro nacional, levaram todo mundo, tanto os coordenadores de núcleo, quanto os coordenadores de PELC, os formadores... Todo mundo em Brasília: aconteceram oficinas, palestras foi um negócio muito interessante que integrou todo mundo e a gente começou a ver o que estava acontecendo no país inteiro.

P.J. – Tu comentou que trabalhou também no PELC/PRONASCI? Tu chegou a atuar no Vida Saudável?

L.B. – Não!

P.J. – E a formação do PELC urbano, para o PELC/PRONASCI tinha alguma diferença?

L.B. – A gente adaptou o enfoque da formação. Tinha outra parte além daquela parte lúdica, uma parte que discutia a violência de certas realidades, de como agir, enfim, tinha um enfoque diferente.

P.J. – E as temáticas que vocês decidiam em grupo para a formação, tu te recorda quais eram?

L.B. – Eu ainda tenho em casa no computador todos os slides. Se trabalhava o desenvolvimento da pessoa dentro das faixas etárias: criança, adolescente, jovem, adulto, idoso. Se trabalhava um pouco na parte de pessoas com deficiência, alguma coisa teórica, trabalhava o esporte em si, o lazer, o conceito de lazer, as formas de lazer... Se trabalhava com seis tipos de esportes: esporte participação, esporte rendimento, esporte educacional e trabalhava muito a prática de ,como trabalhar o esporte de uma forma que... A tendência do pessoal é trabalhar com futebol, de trabalhar o esporte mais jogado, mais lúdico, mais de pequenos jogos de brincadeiras. A gente fazia muita prática, tinha um turno inteiro de atividade prática. Depois passava alguns filmes, uns que eram bem emblemáticos que a gente usou bastante. Tinha um filme que era a Invenção da Infância²⁵, não sei se vocês já viram, era um filme muito utilizado. Eu comprei e achei muito interessante, é sobre crianças, sobre o trabalho infantil no Nordeste. A gente também usou alguns episódios do filme Crianças Invisíveis²⁶, não sei se vocês já viram. São vários episódios e tem um que se passa no Brasil, que é dirigido pela Kátia Lund; tem também um que se passa na Sérvia, eu acho, e a gente usava esses curta metragens para ter a discussão de como agir em certas situações e como se deve fazer, então, sempre se trabalhou com isso. A gente sempre trabalhou em dupla, nós de Porto Alegre. Mesmo que o PELC pagasse apenas um a gente ia em dois e rachava a verba. Um recebia e depois repassava o dinheiro porque uma pessoa trabalhar trinta e duas horas cansa. A gente optou por isso, a gente ia em dupla, ia trocando experiência. Eu ia com a Eneida que é uma pessoa que é da recreação, do lúdico e eu sou um cara mais do esporte, mais do administrativo. Então a gente trabalhava junto. Terminava o dia, a gente jantava e ia para o hotel com a seguinte intenção: vamos ver o dia seguinte. O que funcionou permanece e o que não funcionou a gente troca. A cada momento tu tinha que estar refazendo a formação, não era uma coisa que tu vai lá e larga o pacote pronto. Essa formação era interessante por causa disso: cada uma era diferente e a gente ia mudando.

P.J. – E o Ministério ofereceu algum curso para os formadores, antes de vocês começarem outros projetos sociais?

²⁵ Curta-metragem de 2000 dirigido por Liliana Sulzbach.

²⁶ Filme de 2005 dirigido por Emir Kusturica.

L.B. – Não teve nada formal tipo: “Faz o curso e agora tu vai começar”. A formação foi contínua, tinha regularmente, tinham encontros de formadores com troca, levaram gente, então, a formação era continuada. Ela não existia. Agora tem um curso que chamam todos os formadores, o processo foi mudando, tu vai alterando certas coisas e, à medida que tu vai trabalhando, pegando experiência, tu vai trocando ideias. Tinha alguns cursos, uns encontros, teve no mínimo duas vezes por ano. Tinha o Encontro Nacional, tinha o Encontro de Formadores, teve encontro PELC PRONASCI, então, a gente viu que a ideia do PELC, é muito legal, mas ela depende de quem vai implementar essa ideia... [TRECHO INAUDÍVEL]

P.J. – Tu chegaste atuar em outras regiões como formador ou só no Sul mesmo?

L.B. – O lugar mais longe que eu fui foi Ponta Grossa no Paraná. o Gilmar e a Eneida que cruzaram mais o país não sei se vocês já tiveram algum contato com alguns deles. Eles tiveram essa experiência de ir mais, isso foi uma segunda fase. Na primeira fase a gente era bem regionalizado mesmo, até 2009 os formadores trabalhavam na sua região, não tinha essa passagem para outra linha não.

P.J. – Relacionado com a tua experiência, quais seriam os pontos de destaque do PELC na região Sul?

L.B. – Das coisas que me recordo: a primeira formação que nós tivemos foi em São Lourenço e eu fui duas vezes para São Lourenço. Nós fomos com toda a nossa equipe, cada um foi um pouquinho e nós aprendemos muito. Foi a primeira formação, foi uma formação bem marcante, tanto que eu acho que São Lourenço teve três, quatro anos seguidos, eles foram renovando o convênio. O PRONASCI em Canoas nós fizemos uma formação muito interessante que eles antes de contratar... A formação foi uma forma de tu selecionar os agentes que depois iriam trabalhar, então, a Prefeitura de Canoas chamou em torno de cem pessoas e iam ficar cinquenta, aquilo ali era uma forma de ver quem ficaria, também foi uma formação bem cansativa, mas foi bem legal, uma coisa muito bacana como formação. O projeto não funcionou deu problema burocrático no meio do caminho, deu uma confusão, a prestação de contas foi uma confusão, mas a formação foi boa. Em

São Francisco de Paula²⁷ foi a pior que eu fiz, a formação foi fraca e o projeto não aconteceu, a gente sentiu que a coisa foi fraca.

P.J. – Vocês realizavam visitas aos núcleos. Tu pode falar um pouco sobre como eram essas visitas?

L.B. – No início como não estava funcionando ainda, a gente ia conhecer o local e só a gente ia fazer visita. Em poucos lugares eu vi acontecendo, por exemplo, em Ponta Grossa eu vi acontecendo. Na segunda vez que a gente foi, vimos o projeto acontecendo e a gente fica meio que na dúvida se foi montado ou não. Seria mais interessante se a gente chegasse sem avisar... Tem lugares que tu vê que aconteceu, até pela forma que tu faz a apresentação, algumas coisas que eu achei que funcionam muito bem. Em Ponta Grossa funcionou muito bem a capoeira, tu sentia quando realmente estava funcionando, quando o pessoal estava aproveitando. Quando nós chegamos no futebol eu achei que o negócio estava montado, mas faz parte, né. A experiência que tive depois na avaliação que a gente foi nos núcleos, eu via funcionando muito bem a parte de artes marciais e capoeira para essas comunidades; era uma coisa que o pessoal do karatê, acho que Chapecó, era karatê, capoeira, taikondo tendo alguém que trabalhasse com isso, notava que estava realmente acontecendo e estava havendo uma evolução... Tu trabalha muito com a parte dessa criançada na parte de limite, organização. Eu vejo às vezes outras atividades, às vezes tu não consegue chegar na gurizada, à vezes não muda muito, aí tu nota que está havendo uma mudança, então, essas experiências com esse tipo de ação, principalmente quando tem capoeira, karatê, taikondo, judô isso aí funciona muito bem nesse tipo de região, assim da comunidade, porque a gurizada gosta mesmo e começa a mudar a atitude. Isso é um negócio bacana.

P.J. – Nesse período que tu participaste como formador tu tens ideia de quantas formações vocês realizavam por ano?

L.B. – Pode perguntar para a Receita Federal, eles devem ter esses dados. Eu acho que nos anos que eu fiquei era em torno de cinco por ano. No primeiro ano acho que foi cinco,

²⁷ Município do estado do Rio Grande do Sul

depois tinha aquelas do modo de avaliação. Às vezes dava um pouquinho mais, mas eu acho que não passou muito disso, de cinco, seis por ano que eu fiz; teve gente que fez bem mais.

P.J. – E na tua opinião como é que essas formações impactavam no núcleo, se impactavam no grupo?

L.B. – Acho que faziam muita diferença porque o pessoal necessita muito dessa visão, dessa formação de alguém que diga, não como tem que fazer, mas mostra uma possibilidade; mostra outras possibilidades que não o senso comum senão tu trabalha muito no comunhão... Antes vamos trabalhar com o futebol, vamos fazer aqui e ai bota escolhinha, bota jalequinho, joga bola, mas não dá para fazer um futebol diferente? Um futebol com um outro viés que não só o futebol que acha que vai achar um novo Neymar, um novo Ronaldinho... Mas eu acho que o mais importante é a gente chegar e dizer: “Bom, aqui quem trabalhou nesse projeto hoje, aquele lá, ele está fazendo, ele está trabalhando em tal lugar, aquele lá tá na Universidade, esse aqui foi fazer Faculdade, esse aqui foi fazer isso, outro está fazendo aquilo, esse está casado mas tá trabalhando...” Essa diferença é que faz, não estar no tráfico. Essa formação é essencial, acho que o diferencial do PELC era essa formação. O projeto em si, se ele deixar sem a formação, eu acho que ele não atingiria nem metade do se poderia esperar dele.

P.J. – Tu colocas a formação como um ponto de destaque do PELC. Teria algum outro ponto de destaque que tu acha importante do projeto?

L.B. – Eu acho que o grande diferencial do PELC é que ele não foca num recortezinho. Tem o Programa Segundo Tempo que vai trabalhar com crianças da escola com esporte, outro vai trabalhar com idosos. Não! O PELC é para todo mundo, não é? Então tu tem que estar vendo para todas as idades, não é só esportivo, é o lazer e a cultura. Eu acho que essa é a grande diferença do projeto em si, que ele abre perspectivas para quem vai implementar o projeto; ele não é nenhum pouquinho engessado tu pode: “Oh! A minha comunidade aqui, o que tem de gente aqui que gosta de trabalhar com capoeira... Eu vou botar capoeira”. Não tem capoeira! Eu não preciso botar capoeira, posso botar outra coisa...

Tem um cara que tinha um violão, o cara botou violão mas o outro trabalhava com percussão, o outro trabalhava com pintura tinha um artista plástico lá e tal, o outro trabalhava com grafite, o outro trabalhava com Hip Hop... Tudo estava aberto, então, eu acho que a diferença do PELC, a proposta do PELC, o grande diferencial dele é esse: ele não fecha a porta, ele abre portas. No grupo de idosos, de esportes adaptados a gente apresentava o Câmbio²⁸ apresentava outros jogos. A possibilidade de trabalhar com idosos ... Quando começou o trabalho com idosos, era só bailinho. Eles faziam baile, se reuniam faziam um chazinho, um baile e era esse o trabalho que começou. Hoje não! O trabalho do idoso ativo fazendo outras atividades, saindo prá rua, então, o PELC acho que essa é a grande virtude dele.

P.J. – Um dos nortes do PELC é o papel da inclusão social. Tu acha que o projeto cumpre com essa máxima ou ainda está deixando a desejar?

L.B. – Essa coisa da inclusão é muito... A discussão, eu acho que a inclusão se dá na medida que tu está preparado para incluir; se alguém chegar que não está dentro dos padrões que tu espera, tu tem que estar pronto para acolher essa pessoa e colocar ela ali. Agora onde funciona não sei dizer, não me vem nem exemplos assim, mas eu acho que o trabalho na Prefeitura de Porto Alegre... A gente estava até na discussão sobre isso, assim se chegar alguém que tenha alguma dificuldade, alguma coisa, tu tem que incluir. Se tu fizer isso tu tá fazendo... Agora, tu ir buscar as pessoas é complicado... Tipo: “nós precisamos ter alguém cadeirante dentro desse grupo” [TRECHO INAUDÍVEL] ... Se vem um menininho com Síndrome de Down e quer jogar futebol, ele tem que estar dentro do PELC. Ele tem que estar jogando futebol junto com os outros... E ele tem um problema físico que não ai tu vai dizer; “Bah, eu não vou conseguir, eu não vou ter condições pra isso, eu não tenho informação para fazer isso”... Ninguém tem formação para fazer isso, inclusão é como ser pai e mãe, ser professor, é o que tu te dispõe a ser e o instinto é mais forte ou então, vamos ver... Eu vou fazer um curso de inclusão e agora eu vou passar a ser o includor. Isso não existe! A verdade é essa: tu tens que estar preparado para quando a situação acontecer tu saber agir com ela.

²⁸ Jogo de voleibol adaptado.

P.J. – E na tua opinião o que poderia ser feito para qualificar o PELC?

L.B. – Eu não sei dizer como ele está hoje. A grande dificuldade, acho que de qualquer projeto desses muito grandes, é o controle e o acompanhamento porque não tem como. Não sei quantos núcleos tem hoje funcionando no país, mas não tem como tu acompanhar. Vamos que tenha mil projetos no país, como é que tu vai saber se a coisa está funcionando e ver se eles estão com problemas que tu possa ajudar? Eu acho que isso ai seria o problema: tu vai lá e faz a formação de três meses. Depois tu vai lá visitar os núcleos, faz a visita a essas pessoas... Tu poderia qualificar ai tu vai e: “Vamos mudar o rumo senta com o pessoal, isso aqui não tá dando certo tá ruim, quem sabe a gente muda isso, troca isso, vamos fazer outra atividade...” [TRECHO INAUDÍVEL]

P.J. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou que tu querias comentar?

L.B. – Eu já falei tanta coisa, não eu acho que é isso aí. A gente vai ficando mais velhinho e a memória já mistura um pouco. Se tu me perguntar o time do Inter²⁹ de 1968 eu te digo agora mas do ano retrasado já não sei mais. Então é a mesma coisa, algumas coisas a gente vai lembrando, eu vou falando na medida em que vai vindo...

P.J. – Leila e Suellen, vocês querem perguntar alguma coisa?

L.M. – Eu gostaria de saber dessas cidades que tu foi pelo interior... Teve alguma cidade que tu notou que o PELC não deu certo apesar de todas as investidas como formador? Investidas com os agentes comunitários. Tu teve alguma experiência que tu notou que não deu certo em alguma cidade por alguma questão política ou por alguma questão ideológica ou por alguma questão partidária?

L.B. – São Francisco de Paula é bem claro. Eles estavam mais preocupados em receber a bolsa e a escolha dos agentes foi muito política; em Gravataí também e aí trocou até a formação. Até chamaram o socorro lá porque a coisa não estava funcionando. Essas eu acho que é das que eu me lembro de mais problemático. Em São Jose dos Pinhais que eu

²⁹ Sport Clube Internacional.

estive e também não vi muito empenho em fazer a coisa acontecer. A formação foi pequeninha, não funcionou, tanto que eu acho nem chamaram para a avaliação...

L.M. – E a prestação de contas como é feita?

L.B. – Todo relatório é um negócio bem complicado.

L.M. – Quem faz?

L.B. – Nós fazemos só o nosso relatório. O relatório da formação.

S.R. – Quais foram as formações de maior destaque para você?

L.B. – Eu não participei, mas o pessoal sempre falou muito bem de Ivoti e de Feliz, mas eu não estive em nenhuma das duas. Para Chapecó eu fui duas vezes e achei que funcionou; São Lourenço funcionava, mas tinha uma mistura com o Segundo Tempo, então, uma coisa meio que se confundia, mas funcionou. Ponta Grossa tinha um trabalho bom também principalmente de um cara de capoeira; o cara fazia um trabalho comunitário muito interessante tanto que parece que ele é vereador... Eu fui para São Lourenço, Pelotas, Cachoeira, São Francisco de Paula, Estrela, Gravataí, Canoas, Porto Alegre... Em Porto Alegre funcionou bem. Em Porto Alegre o núcleo da Vila Cruzeiro... Estou na Secretaria de Esportes da Prefeitura há vinte e dois anos e o único trabalho que realmente se conseguiu fazer dentro da Vila Cruzeiro foi o PELC.

P.J. – Obrigada Luiz. A gente coloca o Centro de Memória à disposição também. No mais quero te agradecer pela disponibilidade de conceder a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]